



RACISMO AMBIENTAL E (IN)JUSTIÇA CLIMÁTICA

**Ideias e dicas para levar
essa conversa
para a sua rua ainda hoje**



Este material foi desenvolvido pelas mídias periféricas A Terceira Margem da Rua, Desenrola e Não Me Enrola e Periferia em Movimento, a partir dos aprendizados do encontro “Racismo Ambiental, Justiça Climática e a Comunicação nos Territórios à Margem” realizado no Sesc Interlagos, nos dias 1 e 2 de abril de 2023. Estiveram presentes nesse processo imersivo: Periferia em Movimento, Desenrola e Não Me Enrola e A Terceira Margem da Rua (SP), Frente de Mobilização da Maré e Jornal Fala Roça (RJ), Rede Tumulto (PE), Coletivo Mojobá Mídias e Conexões (BA), TV Comunidades e TV Quilombo (MA), Coletivo Jovem Tapajônico (PA) e Coletivos de Comunicação da CONAQ.

SUMÁRIO

RACISMO AMBIENTAL 4

Injustiça climática 6

Contexto histórico 8

O QUE É A COP? 10

Deixando a conversa fácil para todo mundo 12

Para seguir nas redes sociais 14

Para saber mais sobre o assunto 14

Para ler 16

Para ouvir 17

Para seguir nas redes 18

Realizadoras do encontro 19

INJUSTIÇA CLIMÁTICA

refere-se à percepção do modo desigual como diferentes grupos sofrem os efeitos das mudanças climáticas. Diferentes níveis de exposição aos riscos ambientais, associados à classe e raça, e por outro lado diferentes graus de responsabilidade no consumo dos recursos e no acesso a infraestrutura e políticas públicas.

RACISMO AMBIENTAL

Por Tony Marlon, Ronaldo Matos e Evelyn Vilhena

Para descentralizar o debate sobre como o Racismo Ambiental afeta de forma direta e indireta a vida da população brasileira, que vive em contextos territoriais de periferias, favelas, quilombos e terras indígenas, o SESC Interlagos, em parceria com a Coalizão de Mídias Indígenas, Quilombolas, Periféricas e Faveladas, promoveu nos dias 1 e 2 de abril de 2023, o curso Racismo Ambiental, Justiça Climática e a Comunicação nos Territórios à Margem.

Durante dois dias, 11 comunicadores que atuam como jornalistas, educadores e produtores audiovisuais em mídias organizadas territorialmente em Salvador (BA), Santarém (PA), São Luís (MA), Vargem Grande (MA), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), compartilharam estratégias de comunicação para difundir informações e soluções de combate ao Racismo Ambiental em seus territórios que representam diferentes biomas brasileiros com um público de 25 participantes.

O curso, intercalado por palestras com especialistas no debate climático, bate-papos e apresentações de casos de sucesso fez parte da programação do Territórios do Comum, festival de troca de saberes que visa incentivar, valorizar e dar visibilidade a estratégias de atuação e articulação protagonizadas por coletivos, organizações sociais e empreendedores sociais que geram diferentes tipos de impacto social, cultural, econômico, ambiental e tecnológico nos territórios onde as unidades do SESC desenvolvem suas atividades.

A pesquisadora Ana Sanches Baptista, autora de estudos sobre desigualdades socioambientais e questões de raça, marcou presença no primeiro dia do curso Racismo Ambiental, Justiça Climática e a Comunicação nos Territórios à Margem, como palestrante.

Para a pesquisadora, o racismo ambiental tem um significado diferente, que parte da sua forma e efeito de afetar a população negra, periférica e indígena, que reside nas periferias e favelas.

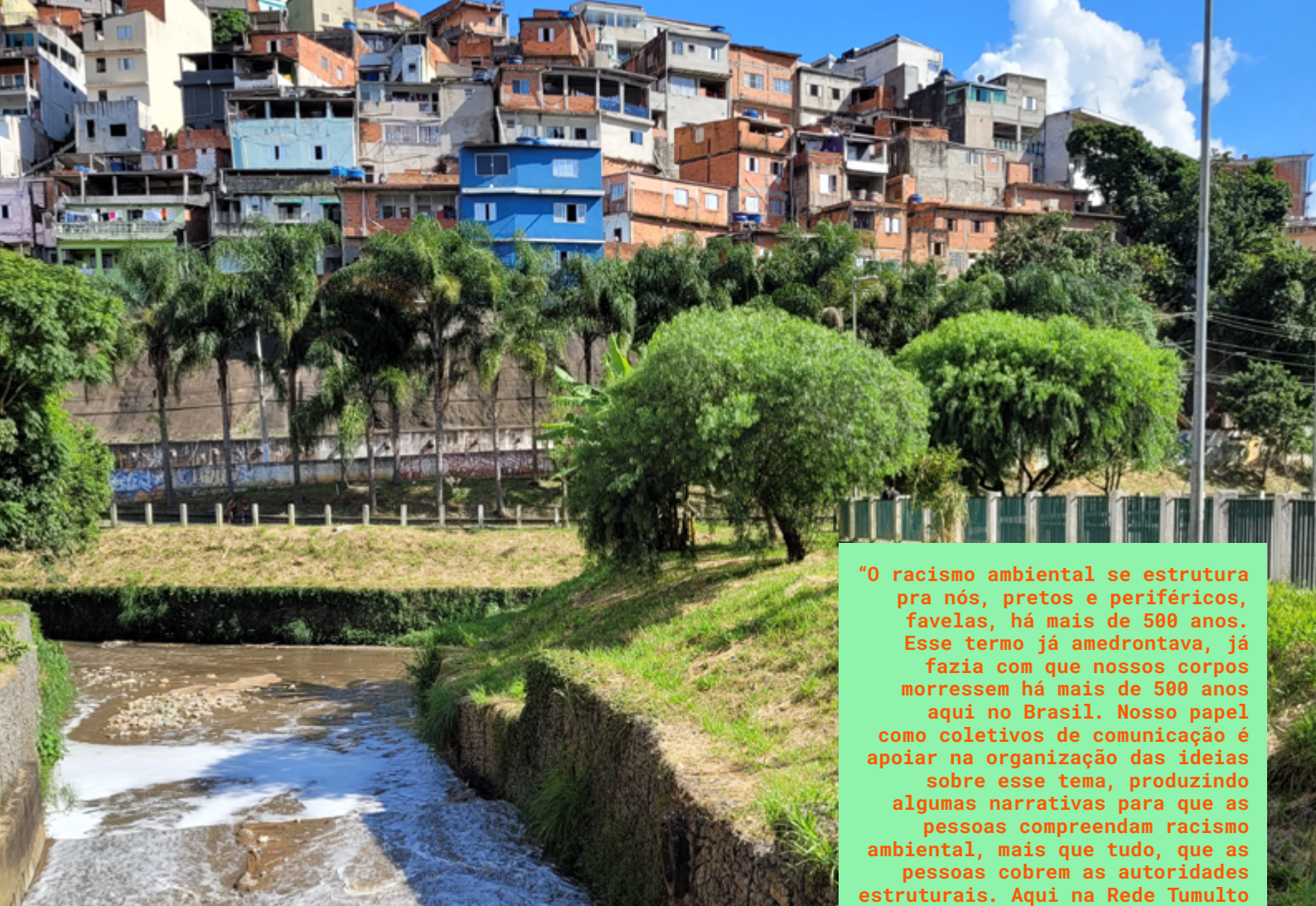
“O Racismo Ambiental é a água que não chega ou que chega em má qualidade e em pouca quantidade. É a casa alagando e desabando. É o esgoto a céu aberto. A falta de energia. É o lixo nos becos e nas vielas, é o ar, alimento e solo contaminado. É o despejo de famílias e destruição dos barracos sob a acusação de ilegalidade”, lista Sanches, apontando uma série de exemplos e condições de vulnerabilidades sociais impulsionadas pelo Racismo Ambiental.

Ela também ressalta que outra forma do Racismo Ambiental prevalecer sobre corpos negros, indígenas e periféricos se dá por meio da política institucional. “A ausência do Estado que não leva infraestrutura adequada para as quebradas ocupadas por população negra, indígena, pobre e é também a ausência desses grupos vulnerabilizados nos espaços de poder”, conta Sanches.

A leitura de cenário feita pela pesquisadora tem um papel importante para difusão de

“O racismo ambiental afeta desproporcionalmente os territórios periféricos por meio dos riscos ambientais e discriminação na atribuição de recursos e serviços, a falta de participação da população negra e periférica na representação de tomada de decisões ambientais nos territórios, e a falta de aplicação efetiva das leis e regulamentações ambientais.”

Thaís Siqueira – Desenrola e não me Enrola



Pedro Oliveira

informações decoloniais sobre Racismo Ambiental. Atualmente, Sanches é uma das principais fontes de informação sobre esse campo de estudo. Ela é bastante procurada por mídias independentes nas periferias para fornecer entrevistas, pautadas no interesse editorial de traduzir esse debate para uma linguagem local para ser distribuída em diversos territórios brasileiros.

Com o intuito de territorializar a troca de saberes sobre Racismo Ambiental com agentes de transformação social atuantes em diferentes frentes nas periferias e favelas, o curso também apresentou a importância de reconhecer os saberes tradicionais das populações negra, quilombola e indígena como um grande aliado na luta contra os impactos do Racismo Ambiental na sociedade brasileira.

“Há saberes populares ainda pouco validados, principalmente no meio acadêmico e entre intelectuais brancos. Sempre digo que há mais de 500 anos nós e nossos ancestrais já sabíamos que vivíamos em uma situação dolorosa e violenta, porém, os conceitos como racismo e racismo ambiental ainda não haviam sido criados”, argumenta a pesquisadora.

Sanches ressalta que a linguagem conceitual e técnica muitas vezes afasta os moradores dos territórios periféricos e invisibiliza a sua produção de conhecimento. “O que eu quero dizer é que precisamos saber ouvir os discursos que são construídos nas quebradas, pois o povão pode não estar falando uma linguagem técnica e conceitual, mas sabe, e muito bem, na prática, o que é o racismo ambiental. Sabe inclusive como melhorar seu território. Creio que os acadêmicos privilegiados da branquitude é que têm que aprender a ouvir o dialeto e os gritos de socorro e não chegar impondo o que é ou não um debate importante.”

“O racismo ambiental se estrutura pra nós, pretos e periféricos, favelas, há mais de 500 anos. Esse termo já amedrontava, já fazia com que nossos corpos morressem há mais de 500 anos aqui no Brasil. Nosso papel como coletivos de comunicação é apoiar na organização das ideias sobre esse tema, produzindo algumas narrativas para que as pessoas compreendam racismo ambiental, mais que tudo, que as pessoas cobrem as autoridades estruturais. Aqui na Rede Tumulto a gente costuma dizer que somos a tradução das favelas. Então, a gente apoia nesse entendimento de que não ter água na torneira é racismo ambiental. Se a barreira cai e mata famílias, isso é racismo ambiental.”

Flora Rodrigues – Rede Tumulto

INJUSTIÇA CLIMÁTICA

Ao longo do primeiro dia do encontro, o termo Justiça Climática apareceu em determinados momentos do diálogo entre os comunicadores e os participantes. O ponto em questão é: onde está essa justiça climática se o contexto de vida nos territórios indígenas, quilombolas, periferias e favelas está cada vez mais sombrio devido à falta de políticas públicas efetivas para combater o Racismo Ambiental e as Mudanças Climáticas.

Diante desta questão, a pesquisadora Ana Sanches explica o que é Justiça Climática e como ela ainda está longe da população negra, indígena, quilombola e periférica. “Justiça Climática é repensar o planejamento urbano de forma justa, popular e inclusiva, para que as pessoas tenham moradia digna, com água na torneira de qualidade e suficiente. É garantir segurança e dignidade da vida humana na produção e fornecimento de energia elétrica (pensando que a produção de energia ainda é fundamentalmente poluidora por conta da fonte de combustíveis fósseis), e que o fornecimento inadequado de energia ou sua ausência coloca a população em situação de risco. É também garantir a participação e poder da população nos espaços de decisão.”

Como exemplo territorial de impacto da injustiça climática, Sanches afirma que os efeitos dos eventos extremos, como tempestades, furacões, tornados, enchentes e as problemáticas de degradação ambiental já estão afetando homens, mulheres e crianças, devido à destruição da biodiversidade local, colocando seus modos de vida em risco.

“Pense na população ribeirinha, indígena, caiçara e ou quilombola que dependia de pescar no Rio Doce? Ou que entende em sua religiosidade o Rio como um ser, um Deus, algo sagrado? É uma violência material, que afeta a dignidade dessas populações de variadas formas. Em suas possibilidades de práticas religiosas e espirituais, em suas formas de alimentação e sua própria manifestação cultural e de vida”, relata a pesquisa.

O Rio Doce atravessa os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Um estudo recente da Universidade do Espírito Santo (UFES), publicado em 2022 por pesquisadores e professores de biologia, oceanografia e química, aponta que as águas do Rio Doce estão contaminadas por altas taxas de elementos químicos, como alumínio, manganês e níquel.

Além disso, a pesquisa identificou altas concentrações de lama composta por rejeitos de minério, fruto da atividade empresarial da mineradora Vale, responsável por provocar o desastre

“Racismo ambiental é a água que falta sempre na nossa vez, no nosso bairro. É a coleta que deveria acontecer todos os dias como no restante da cidade, mas aqui, quando muito, são duas vezes. Penso que existem duas grandes tarefas nossas nesse momento, produzindo comunicação a partir daqui: a primeira é a de descer o conceito do pedestal, atravessar o caminho e a atenção das pessoas; e uma segunda é indicar a quem devemos cobrar, com nome, e-mail e telefone.”

Tony Marlon – A Terceira Margem da Rua





“Racismo Ambiental no contexto de atuação da TV QUILOMBO é toda impossibilidade que as comunidades e povos tradicionais enfrentam em permanecer vivos e atuantes em seus territórios no que diz respeito à luta em favor do meio ambiente e contra as mudanças climáticas. Isso vai desde a falta de serem ouvidos a violações de direitos. O Racismo Ambiental que vem causando impactos negativos na vida de quem vive nos territórios, periféricos, favelados, indígenas e quilombolas.”

Raimundo Quilombo - TV Quilombo

ambiental de Mariana, município de Minas Gerais, um dos maiores da história do Brasil, provocando a morte de milhares de pessoas, soterramento de casas e bairros, impondo uma mudança radical nos modos de vida da população e na relação com a biodiversidade regional, devido ao rompimento de uma barragem localizada em área de extração de minérios.

A partir destes exemplos e fatos históricos, o curso trouxe à tona uma dimensão bastante importante sobre a Injustiça Climática: ela se baseia na perpetuação do racismo estrutural. “Pensando que a base das desigualdades na sociedade é uma desigualdade racial, de gênero e de classe, não temos como separar a justiça ambiental/climática do que pensamos como justiça e direitos humanos em uma sociedade. O entendimento de dignidade e de humanidade que possuímos, é exatamente a que permite as desigualdades raciais, sociais e ambientais que vivemos. Portanto, quando falamos que não há democracia, enquanto houver racismo e machismo, é nesse sentido. Para haver qualquer tipo de justiça, é preciso antes de tudo enfrentar o que estrutura as injustiças e no nosso caso brasileiro, o racismo é a primeira coisa que precisa começar a ser combatida”, conclui a pesquisadora.

CONTEXTO HISTÓRICO

Nos Estados Unidos dos anos 1980, no coração do movimento negro pelos direitos civis, o Dr. Benjamin Franklin Chavis Jr. cria o conceito de racismo ambiental, para contar algo que percebia no seu cotidiano: a escolha dos locais para despejo de resíduos perigosos tinha um fator racial. As comunidades negras eram escolhidas como destino para as construções dos aterros industriais. O conceito nasce então em meio às manifestações contra depósitos de resíduos tóxicos no condado de Warren, na Carolina do Norte, de maioria negra.

Ele explicou: racismo ambiental é a discriminação racial na elaboração de políticas ambientais e na aplicação de regulamentos e leis que geram diferenciação e desvantagem, seja ela intencional ou não, baseada em raça e cor de pele, de comunidades, grupos ou indivíduos. Benjamin percebeu que a mesma ausência de cuidado e atenção à saúde e a vida das pessoas não acontecia em outros lugares do país. Os países dizem que as pessoas são iguais em direitos e deveres, mas algumas são menos iguais que as outras.

Com o passar do tempo, o conceito foi se expandindo para caber em diferentes realidades e contextos. Um mundo diferente daquele, mas estruturalmente desigual para as mesmas pessoas de sempre. Racismo ambiental é, portanto, sobre injustiças socioambientais que impactam de maneira direta grupos étnicos específicos, discriminados por sua raça, classe e origem. Caminha junto com o conceito de Injustiça Climática, que surge para evidenciar e questionar o modo

desigual como diferentes grupos sofrem a emergência climática e seus efeitos: desabamentos, enchentes, secas, escassez de alimentos.

No Brasil, isso quer dizer que ribeirinhos, quilombolas, comunidades indígenas, além das periferias e favelas, recebem um tratamento diferente do Estado, logo, sofrem de maneira diferente também, simplesmente por serem quem são.

Há diferenças no acesso a serviços ambientais entre pessoas negras e brancas, como mostra a Síntese de Indicadores Sociais - SIS, estudo do IBGE de 2018. Segundo a pesquisa 54,7% das casas em que a pessoa residente era negra tinham acesso aos serviços de abastecimento de água, esgoto e coleta direta ou indireta de lixo. Quando a pessoa residente era branca, o número sobe para 72,1%. Ou seja, a depender da cor da pele, origem social ou étnica, a pessoa terá mais ou menos chances de desenvolver doenças de todos os tipos, que podem inclusive levar à morte.

“Há muitos anos a Periferia em Movimento cobre os impactos do Racismo Ambiental sem conhecer esse termo e faz diferença hoje relacionarmos nossas pautas com um conceito que mostra que nenhuma negligência do Estado que a gente notícia a partir das periferias é isolada. Está relacionada com algo estrutural como o racismo que também é institucional e soma a outros marcadores sociais que intensificam a exclusão de acesso a direitos como o machismo, a LGBT+fobia, o etarismo, a xenofobia, o capacitismo. O jornalismo nos territórios tem papel fundamental de mostrar para a sociedade que os grandes responsáveis pelos impactos ambientais não moram nas periferias, favelas, quilombolas e aldeias.”

Aline Rodrigues - Periferia em Movimento



CHAMANDO MAIS GENTE PARA ESSE PAPO

Há mais de 10 anos, o **Desenrola e Não Me Enrola** atua produzindo jornalismo a partir das periferias de São Paulo. Composta por uma equipe em sua maioria de mulheres e homens negros, foca no combate ao racismo, desigualdade social e a desinformação. Com o Você Repórter da Periferia, um programa de educação midiática antirracista, promove a inclusão e a equidade da juventude preta e periférica.

A **Terceira Margem da Rua** é um podcast narrativo que trança memória, pensamento e tecnologias de favelas & periferias em crônicas sonoras de até 13 minutos. Na busca por uma tradução afetiva das conversas urgentes do nosso tempo, as histórias movimentam lembranças, sensações e sentimentos deslocando a matriz intelectual periférica para o centro das conversas.

A **TV QUILOMBO** foi criada na comunidade quilombola da Rampa, povoado pertencente à cidade de Vargem Grande, no estado do Maranhão, a cerca de 170 km da capital São Luís. A iniciativa de comunicação popular tem suas pautas produzidas exclusivamente por quilombolas e com uma linguagem própria que conta o dia a dia de um quilombo.

Enraizado no território sagrado de Santarém, município do estado do Pará, o **Coletivo Jovem Tapajônico** capacita jovens comunicadores populares para se tornarem protagonistas em seus territórios, utilizando ferramentas para documentar, denunciar e revelar a realidade de sua origem e atividades. Aborda temas como política, território, gênero e mudanças climáticas e conta com jovens indígenas, quilombolas da região de Planalto, Lago Grande e da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns.

TV Comunidades atua nas periferias e favelas de São Luís do Maranhão. Somos uma TV que busca estar em diálogo e conexão com as comunidades. Somos parte. Somos voz, somos existências que precisam ter suas vozes ouvidas, nas periferias, aldeias e quilombos.

O **Coletivo Mojobá Mídias e Conexões** é um empreendimento de jovens negras e negros comunicadoras/es do Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA, que utiliza como princípio a economia solidária e o desenvolvimento sustentável. A iniciativa tem como objetivo prestar serviços na área de comunicação atuando nas linguagens de fotografia, produção cultural e gestão de mídias sociais.

O **Fala Roça** é um jornal com 10 anos de resistência de atuação na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Surgiu como uma versão impressa para alcançar a população offline e homenagear a população nordestina do morro. Hoje, sua voz ecoa além dos limites da favela. Com o avanço da tecnologia, passou a produzir reportagens digitais e vídeos, buscando ampliar vozes e desafiar estereótipos sobre as favelas.

A **Periferia em Movimento** é uma produtora de Jornalismo de Quebrada sediada no Extremo Sul da cidade de São Paulo que gera e distribui informação sobre, para e a partir dos territórios periféricos há 15 anos. Atuam em três frentes: conteúdos jornalísticos multimídia, educação midiática e articulação.

Frente de Mobilização da Maré é um coletivo de comunicação comunitária e de combate à fome atuante na Favela da Maré, no Rio de Janeiro.

O QUE É A COP?

É a sigla em inglês para “Conferência das Partes” (“Conference of the Parties”), um encontro anual com a presença de representantes de todos os países associados da Organização das Nações Unidas (ONU) para discutir e encaminhar decisões com relação ao clima do planeta.

E se a gente organizasse localmente, entre os nossos e no chão que a gente pisa, eventos com este propósito?

Foi com este intuito que em fevereiro de 2023, coletivos e organizações da capital paraense organizaram a COP das Baixadas, que chamou para o centro do debate quem precisa protagonizar a conversa, por serem justamente as pessoas que mais sofrerão com as mudanças climáticas: ribeirinhos, quilombolas, comunidades indígenas, além das periferias e favelas urbanas. Ou seja, as pessoas negras e empobrecidas do país. Foi a partir de suas perspectivas que a conversa aconteceu. Nada sobre nós, sem nós.

Além do desafio da linguagem - os termos, as expressões, os conceitos, que não necessariamente estão popularizados na sociedade brasileira, existe outro a respeito da ocupação dos espaços que influenciam e decidem os rumos do debate e das ações. Quem está ocupando o palco e usando o microfone para falar sobre como o mundo será em 100 anos se nada mudar hoje?



Os eventos são em geral em cidades e países distantes de onde as populações mais afetadas estão - o sul global. Os custos para ocupar esses espaços são altos e não existem políticas específicas que garantam participação da população mais impactada - pessoas negras e indígenas, dos países em desenvolvimento. As questões ambientais ainda são discutidas numa perspectiva europeia e branca. A racialização do debate é feita pelas poucas lideranças negras e indígenas que conseguem garantir participação. A COP 30, que acontecerá na capital Belém, no estado do Pará, em novembro de 2025, é uma oportunidade histórica de transformar essa dinâmica de protagonismo do debate. Para isso, é necessário formar as pessoas para disputar as conversas.

Quais espaços podemos ocupar localmente com estes debates, e assim nos prepararmos para a ocupação de outros espaços de decisão?

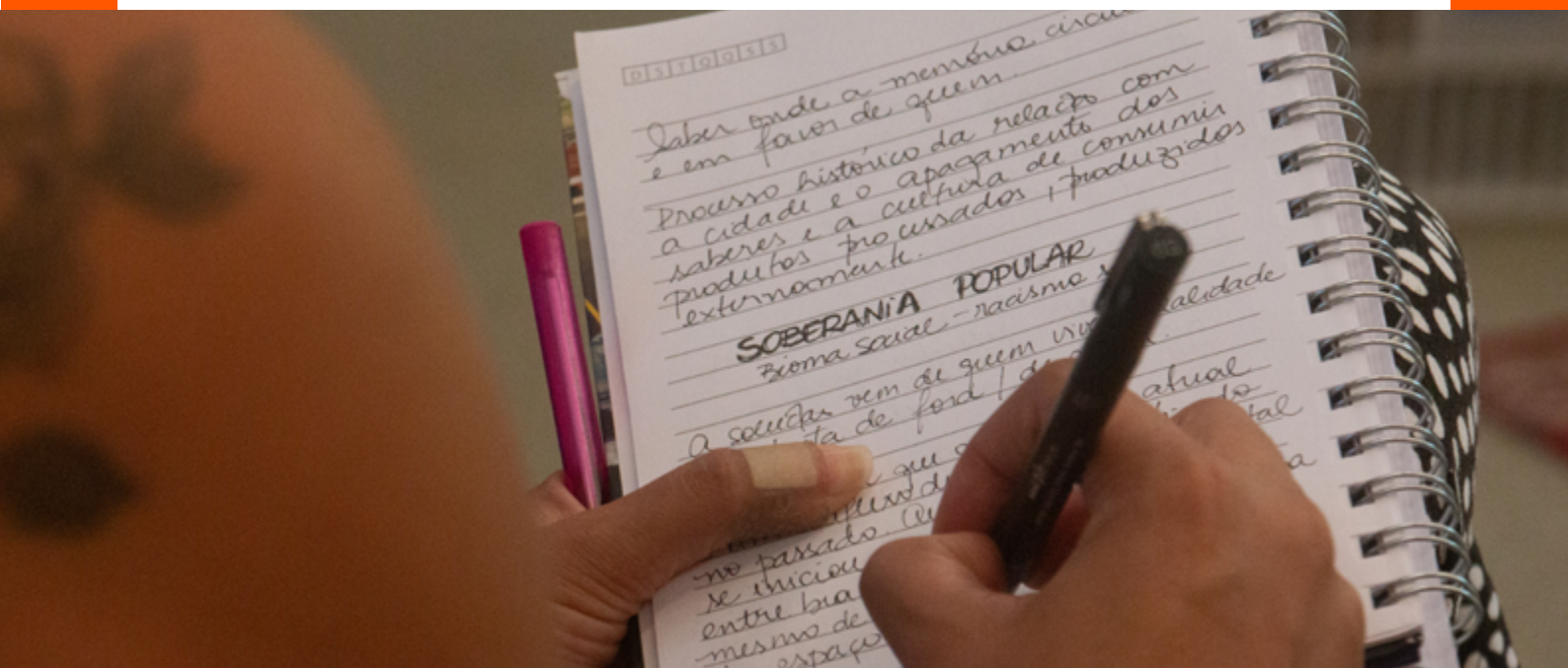
Enquanto empresas e governos negam os efeitos das mudanças climáticas e do racismo ambiental, elas ocupam espaços de poder político e econômico para tomada de decisão sobre as questões climáticas, nas periferias, favelas, quilombos e territórios indígenas.

Neste cenário, coletivos, grêmios escolares, organizações sociais e culturais, conselhos participativos municipais e estaduais, além do próprio poder público, são espaços para ocupar e exercitar a participação social e política, que têm um papel essencial nesse movimento. É preciso construir micro espaços de debate, atravessando as questões climáticas e o racismo ambiental no cotidiano das pessoas, relacionando com as suas vidas.

Enquanto se disputa os espaços de debate e influência sobre o tema, é preciso formar quem irá ocupá-los a partir do protagonismo das dores e das soluções, elaboradas pelos moradores de territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos, periferias e favelas.

Neste processo é preciso ressaltar e relacionar a falta de saneamento básico do bairro com o racismo ambiental; os dados de saúde que mostram uma incidência maior de doenças respiratórias em determinados lugares empobrecidos da cidade; produção de produtos e bens culturais que comunicam os impactos climáticos no almoço e jantar da família.

Adotando essas dinâmicas participativas e territoriais que representam plataformas de escuta ativa e qualificação do debate sobre racismo ambiental e mudanças climáticas de forma decolonial, estimulamos na prática a descentralização do debate, que até então, só permeia os espaços de poder político e privado.



LOCOS DE ARTICULAÇÃO

DEIXANDO A CONVERSA FÁCIL PARA TODO MUNDO:

10 ideias e caminhos



Jogo da Memória

com foto e biografia das principais lideranças brasileiras que falam sobre racismo ambiental;

COP Comunitária:

organizar um evento nos moldes internacionais, que traz o protagonismo para as iniciativas do bairro e da região;

COP Educação:

reunir professores e professoras que se relacionam com o tema para produzir ideias de abordagem e materiais para consulta;

Campanha visual

nos postes e muros do bairro relacionando racismo ambiental à vida das pessoas. Exemplo: Falta de água é racismo ambiental; Esgoto sem tratamento é racismo ambiental.

Pequeno Dicionário do Debate Ambiental:

traduzir conceitos, termos e expressões para o dia a dia das pessoas, com exemplos práticos;

Produzir um jornal impresso

temático que relaciona as questões ambientais à alimentação e saúde, com distribuição pelas Agentes Comunitárias de Saúde;

Criar um banco de referências

comunitárias e territoriais que abordam o tema em sua pesquisa e produção, distribuindo aos espaços socioeducacionais da região;

Criar áudios para mandar no WhatsApp

explicando o que é Racismo Ambiental e relacionando com a vida prática das pessoas da sua comunidade e porque é importante ocuparmos este debate;

Abrir uma roda de conversa

na sua comunidade, perguntando como as mudanças climáticas afetam a vida de quem mora naquele território;

Construir álbum de figurinhas,

em que os destaques sejam homens e mulheres negras que pautam o racismo ambiental no debate climático brasileiro.

PARA SEGUIR NAS REDES SOCIAIS

    Desenrola e Não Me Enrola

  A terceira margem da rua

   Tv Quilombo Rampa

 Coletivo Jovem Tapajônico

  Tv Comunidades

   Coletivo Mojubá

  Fala Roça

   Periferia em Movimento

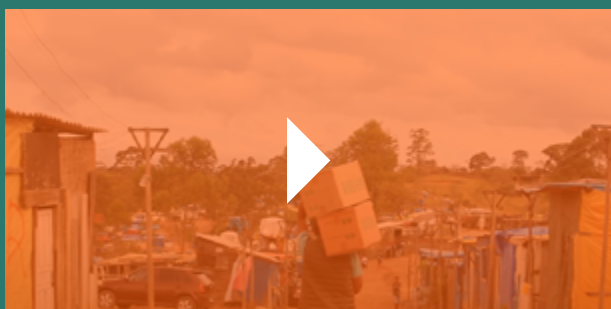
   Frente de Mobilização da Maré



PARA SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO

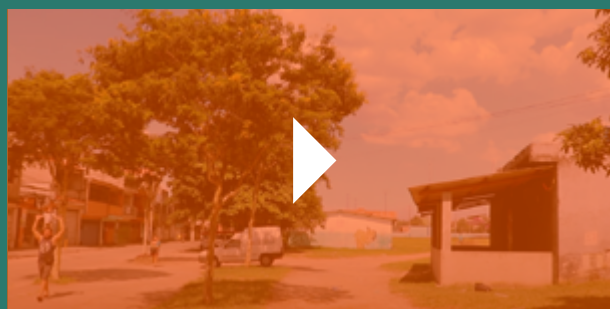
Os assuntos debatidos no encontro “Racismo Ambiental, Justiça Climática e a Comunicação nos Territórios à Margem”, no Sesc Interlagos, estão presentes no dia a dia da cobertura jornalística das mídias citadas neste material. Confira alguns exemplos:

Para assistir



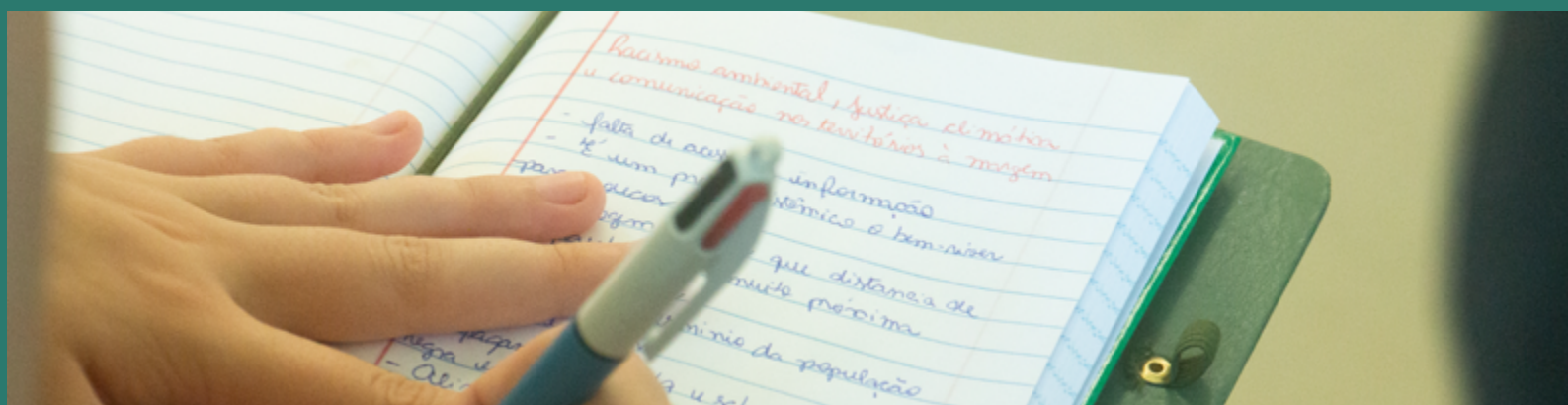
Você Repórter da Periferia: a luta por moradia nas Periferias de SP

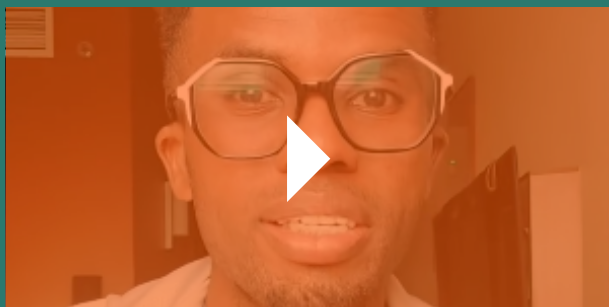
Desenrola e Não Me Enrola



Meu endereço é a luta: Direito à moradia exige mobilização das periferias ao centro, apontam militantes

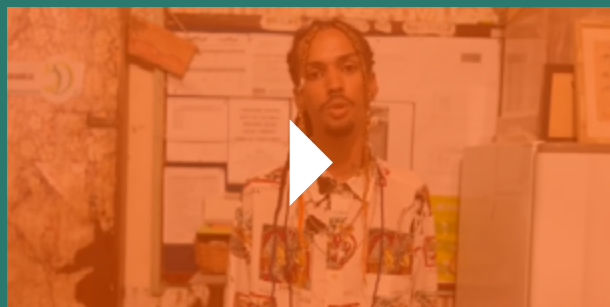
Periferia em Movimento





A diferença de mobilização social na Copa do Mundo de Futebol e na COP28

TV Quilombo



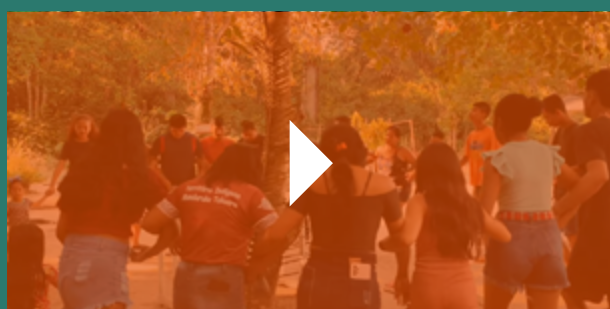
Entrevista com Cooperativas lideradas por mulheres negras, da periferia de Salvador

Coletivo Mojubá



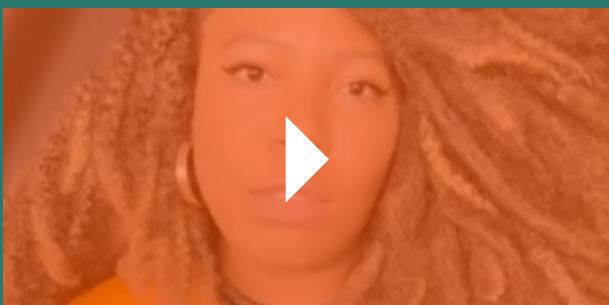
Marco Temporal é racismo ambiental e política de extermínio

TV Comunidades



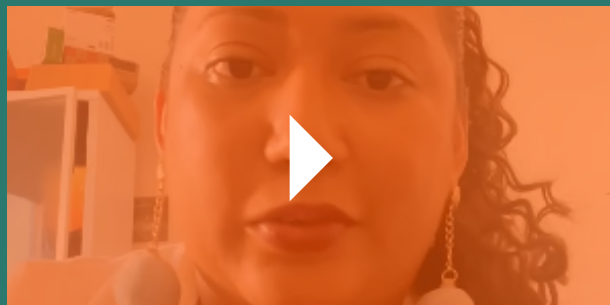
Climou: Mulheres pela Justiça Climática

Coletivo Jovem Tapajônico



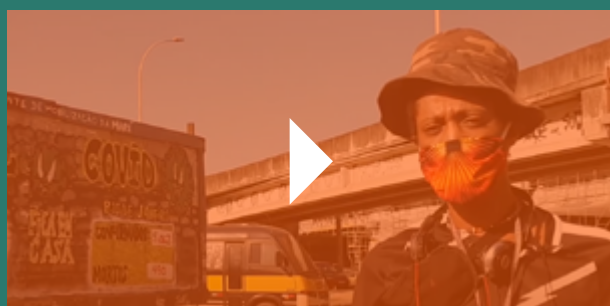
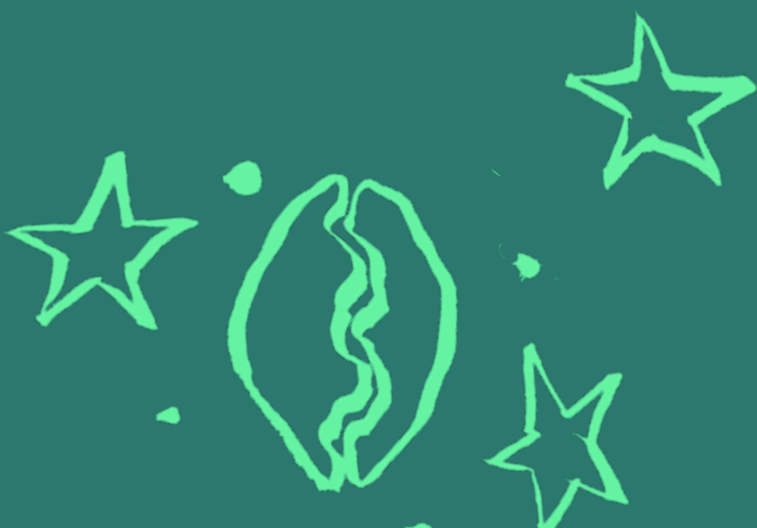
Depoimento sobre a importância de falar do Racismo Ambiental com a educadora, historiadora e comunicadora Pâmella Carvalho, do Parque União, do conjunto de favelas da Maré.

Jornal Fala Roça



As grandes chuvas e as políticas públicas que não investe em prevenção em Recife e Região Metropolitana

Rede Tumulto



Ações da campanha de conscientização na Maré em meio a pandemia de COVID-19

Frente de Mobilização da Maré

Para ler



Líder comunitária relata como enfrentou deslizamentos de terras nas favelas do Butantã

Desenrola e Não Me Enrola



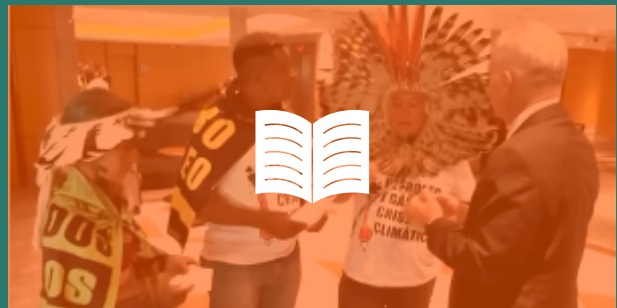
Território seguro garante alimento para indígenas nas bordas de São Paulo

Periferia em Movimento



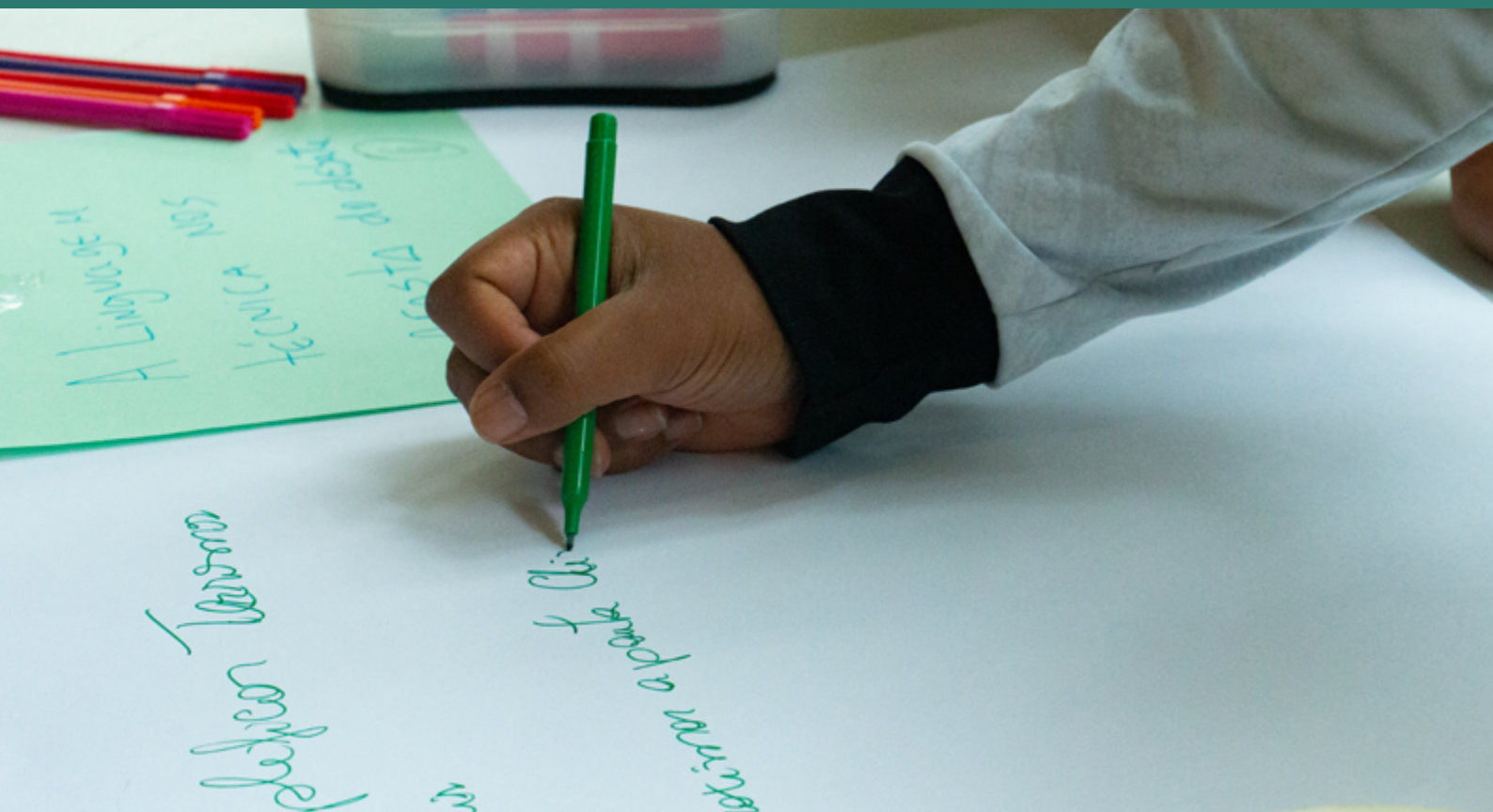
Há 16 anos agente ambiental luta por preservação da natureza na Rocinha

Fala Roça



Lideranças quilombolas e indígenas entregam carta que contesta leilão de concessões para explorar petróleo e gás

Coletivos de Comunicação da CONAQ



Para ouvir



Racismo Ambiental - Uma luta que não é de hoje #05

Desenrola e Não Me Enrola



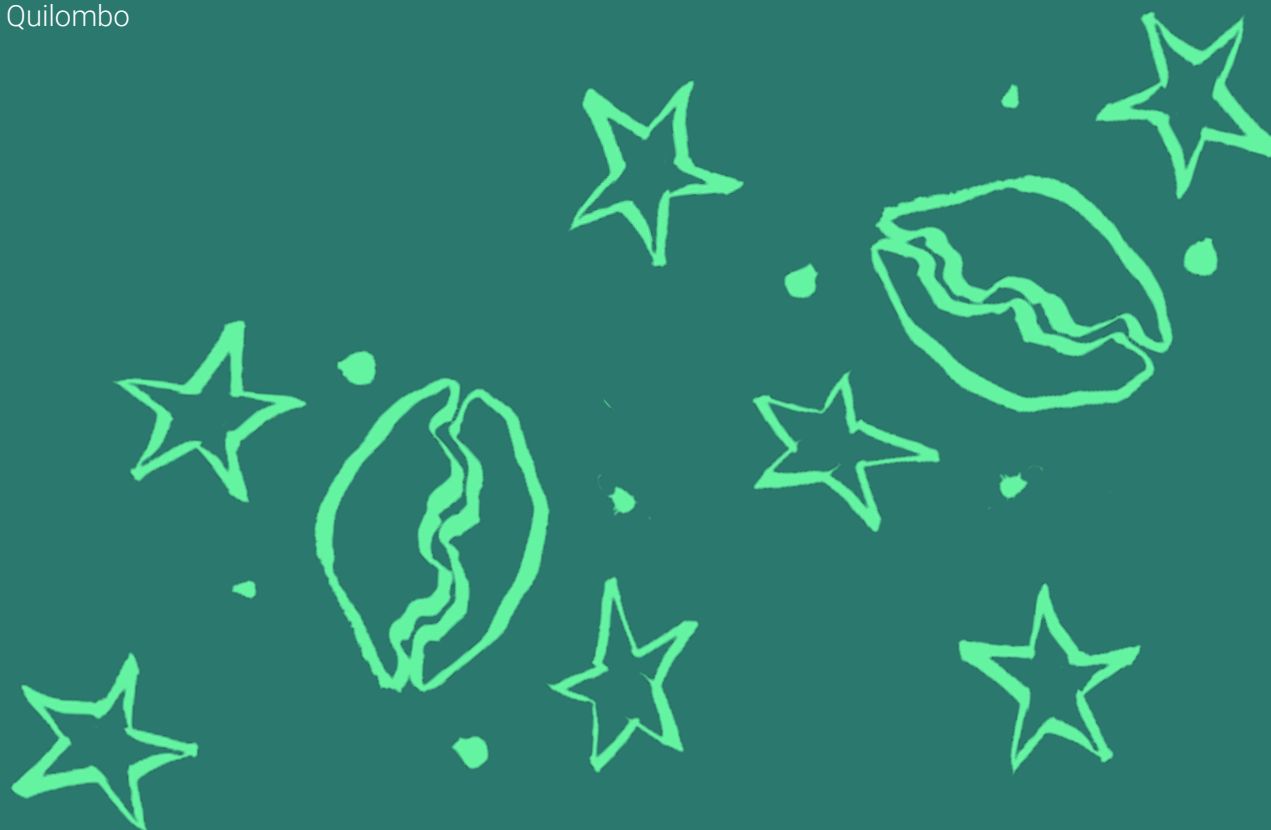
"Perdi tudo na enchente e não sei a quem recorrer. E agora, PEM?"

Periferia em Movimento



Os desafios da população quilombola para acessar hospitais públicos e a vacina contra a covid-19

TV Quilombo



Para seguir nas redes

Alice Pataxó



Levi Oliveira Dos Santos Abade



[@alice_pataxo](#)

Ana Sanches



Divulgação



[@anasanchesb](#)

Amanda Costa



Ivan Pacheco



[Amanda Costa](#)

Luciano Frontelle



Divulgação



[Luciano Frontelle](#)

Mariana Belmont



Divulgação



[@marianabelmont](#)



Flávia Lopes

Realizadoras do encontro

“Racismo Ambiental, Justiça Climática e a Comunicação nos Territórios à Margem” foi um encontro de educação para direitos que aconteceu nos dias 1 e 2 de abril de 2023 no Sesc Interlagos, zona sul de São Paulo, para aprofundar pautas socioambientais num intercâmbio de práticas e estratégias de jornalismo e comunicação não hegemônica. O encontro compôs a programação da ação em rede Territórios do Comum do Sesc SP que reúne as áreas de educação para a sustentabilidade, valorização social e acessibilidade.

A atividade foi realizada a partir da parceria entre o Sesc Interlagos e os coletivos de jornalismo e comunicação Periferia em Movimento, Desenrola e Não Me Enrola e A Terceira Margem da Rua (SP), Frente de Mobilização da Maré e Fala Roça (RJ), Rede Tumulto (PE), Coletivo Mojobá Mídias e Conexões (BA), TV Comunidades e TV Quilombo (MA), Coletivo Jovem Tapajônico (PA) e Coletivos de Comunicação da CONAQ.



Homenagem para o João Dantas

João Dantas, do Coletivo Mojubá, um dos fundadores da Coalizão de Mídias Periférica, Favelada, Quilombola & Indígena fez a sua passagem desse plano no dia 25 de março de 2020. Escrevemos para afirmar a sua existência. João era do Subúrbio Ferroviário, uma das periferias de Salvador.

Estamos abraçadas a uma dor imensa, a uma revolta que não cabe no nosso peito e a muitas perguntas: quantos jovens ainda precisam perder as suas vidas para que tenhamos um Brasil, aquele institucional, dos gabinetes, dos eventos e cerimônias, que preste atenção de verdade aos brasis - das ruas, dos becos, das vielas, das roças?

Quem ocupa o mundo a partir daqui, de onde estamos, não tem o mesmo direito ao viver feito todas as outras pessoas, de todos os outros lugares da cidade, e do país?

Não dói a dor de tantas e tantas mães que diariamente se despedem dos filhos e filhas, assim, tão jovens, com tantos futuros pela frente, das maneiras mais violentas que se pode imaginar?

Alguém aí do outro lado nos escuta? Alguém aí do outro lado tem nos lido, de nota de pesar em nota de pesar? O que é que nós faremos, coletivamente, para impedir que outros jovens negros, que mais jovens periféricos, que os jovens favelados, quilombolas e indígenas, sejam tão breves nesse plano como tem acontecido até hoje?

Qual é o plano, como um país, que existe para frear tudo isso que tem nos acontecido? Hoje, um pouco de nós também se foi, toda vez que um de nós se vai, um pouco de nós a acompanha. E João, uma vez disseram que o contrário da vida não é a morte, mas o esquecimento. E nós, nunca, esqueceremos você.



